

AULA-MÓVEL: UM DISPOSITIVO PARA DERIVAS LÚDICO-POÉTICAS

MOVABLE-CLASS: A DEVICE FOR PLEYFUL-POETIC DRIFTS

Andrea Hofstaetter¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Associado/a/e ANPAP: sim

RESUMO

O dispositivo Aula-móvel para derivas lúdico-poéticas é resultante da pesquisa intitulada Derivas lúdico-poéticas com objetos propositores em artes visuais, que visa a reflexão e a criação de materiais propositivos para o Ensino de Artes Visuais. Através do uso desse dispositivo pretende-se criar condições para o surgimento de encontros prazerosos e provocativos, tendo como pano de fundo as ideias de obra-aula e artistagem docente. São apresentados, neste artigo, alguns dos objetos concebidos neste projeto, a partir de obras de duas artistas mulheres: Vera Chaves Barcellos e Sophie Calle. Através desses materiais é possível exercitar o olhar e o compartilhamento de percepções, pensamentos e sensações ocorridas no cruzamento entre as propostas das artistas e as provocações elaboradas no intuito de gerar novos acontecimentos.

Palavras-Chave: Ensino de Artes Visuais. Objetos Propositores Poéticos. Artistagem docente. Obra-aula. Pedagogia do evento.

ABSTRACT

The itinerant device Movable-class for playful-poetic drifts is the result of a research entitled Ludic-poetic drifts with proposing objects in visual arts, which aims at reflection and the creation of proposing materials for visual arts education. Through the use of this device, the aim is to create conditions for the emergence of pleasurable and provocative encounters, with the ideas of class as artwork and teaching as an artistic act as a background. This article presents some of the objects designed in this project, based on works by two female artists: Vera Chaves Barcellos and Sophie Calle. Through these materials it is possible to exercise the gaze and share perceptions, thoughts and sensations that occur at the intersection between the artists' proposals and the provocations created with the aim of generating new events.

KEYWORDS: Visual arts education; Poetic Proposing Objects; Teaching as an artistic act; Class as artwork; Pedagogy of the event .

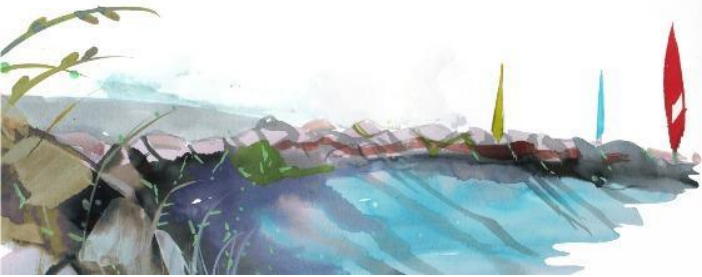


Introdução

O objeto propositor poético apresentado nesta comunicação é resultado de um projeto vinculado à pesquisa intitulada Derivas lúdico-poéticas com objetos propositores em artes visuais, em desenvolvimento desde 2023, que dá continuidade à uma trajetória iniciada em 2009, com interesse central e desdobramentos sobre a produção e experimentação de materiais didáticos para o Ensino de Artes Visuais.

O conceito de objeto propositor poético foi encontrado neste caminho, a partir de contribuições iniciais de Miriam Celeste Martins e de Tatiana Fernández. No decorrer desse percurso valiosas ideias de alguns outros autores foram se acrescentando à reflexão, gerando outros aportes às produções realizadas até aqui. Também houve a contribuição de muitos estudantes que se debruçaram sobre essa prática reflexiva no decorrer de sua formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS, com quem pude realizar muitas trocas e compartilhar vivências expressivas, especialmente no componente curricular Laboratório de Construção de Material Didático e no acompanhamento de vários Trabalhos de Conclusão de Curso.

Nesse processo investigativo, buscou-se, também, aprofundar estudos sobre trabalhos artísticos que são propositivos de experiências, envolvendo o público em ações e interações participativas. É um trabalho, portanto, em que se pretende aproximar atuação pedagógica de ato poético. Nesse sentido, as ideias de Sandra Corazza, Thiago Rodeghiero e Denis Atkinson são importantes contribuições.

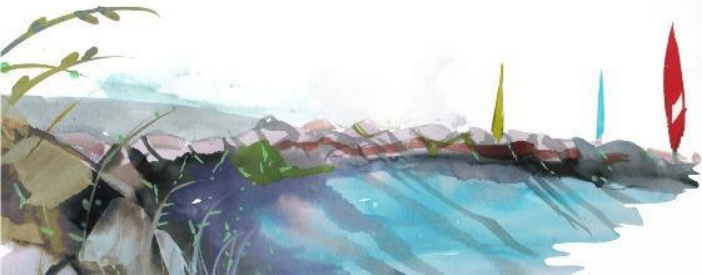


Nesta comunicação são apresentados dois conjuntos de objetos lúdico-poético-educativos e a concepção de um dispositivo móvel, metamórfico e adaptável para uso em diferentes contextos e espaços, que carrega consigo objetos, jogos e materiais diversos, com o fim de oportunizar interações, diálogos e ações poéticas. Esses dois conjuntos tomam como suporte principal uma série de trabalhos de duas artistas mulheres: Sophie Calle e Vera Chaves Barcellos. Dessa última resultam conexões com trabalhos de outras mulheres artistas.

O que seria uma Aula-móvel?

A ideia de aula-móvel relaciona-se diretamente com os conceitos de pedagogia do evento ou do acontecimento, referenciada em Denis Atkinson, e de obra-aula e artistagem docente, já apresentados em artigos anteriores ligados a esta pesquisa. Cabe, entretanto, retomar essa reflexão no contexto da produção do objeto aqui em foco e das implicações dessas proposições teóricas para a ideia de aula-móvel.

Aula-móvel tem relação com a possibilidade de circular com o dispositivo móvel por ambientes diversos, com possíveis adaptações a diferentes situações e a diferentes espaços de aprendizagem ou de convivência. Mas também tem relação – de não menos importância – com a possibilidade de fazer o pensamento se mover a partir do contato com os elementos e proposições artísticas contidas no dispositivo e das experiências a ocorrer nas interações com outras pessoas e nas ações compartilhadas através de seu uso.



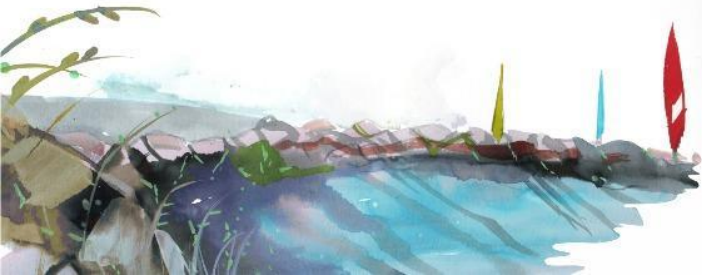
extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

O objeto ou dispositivo Aula-móvel é uma mochila-sacola com rodas, que pode conter diferentes objetos propositores poéticos e conjuntos de elementos variados. Por isso pode ser chamado de objeto metamórfico, pois é adaptável a diferentes situações, dependendo do que se pretende produzir, do ambiente e do público que estará interagindo (Imagem 1). A sua própria existência e apresentação pretende ser um convite à experimentação. Um dos elementos que colabora com essa intenção, por exemplo, é a ‘toalha de piquenique’ em tecido xadrez vermelho e branco, que remete diretamente a uma prática social que aproxima pessoas para momentos de convivência prazerosa. Carrega um valor afetivo que pode convidar à adesão voluntária de participação da proposta através de sua carga simbólica.



Imagem 1. Mochila e objetos do material propositivo Aula-móvel para derivas lúdico-poéticas. 2024. Fonte: arquivo pessoal.



extremos

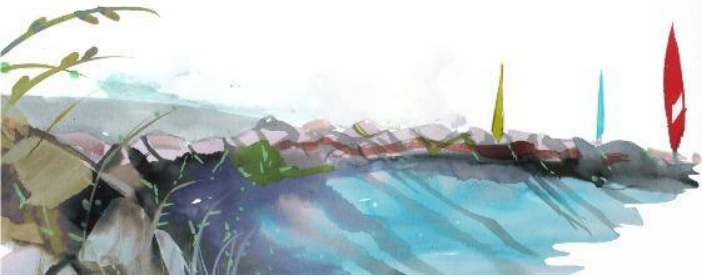
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

As relações estabelecidas entre os elementos da mochila, a partir das imagens, fichas e proposições sugeridas, poderão levar a diferentes discussões e experimentações, em torno de temáticas diversas, dependendo das conexões que forem feitas a partir das referências das pessoas participantes dos encontros. O material se abre a múltiplas possibilidades de ações e desdobramentos, dependendo dos interesses e do engajamento dos grupos que o utilizarem. Por essas características surgiu o conceito de aula-móvel, sugerindo a mobilidade física e a variação de relações conceituais e processuais que poderão se mover em diferentes direções.

Pedagogia do acontecimento, obra-aula e artistagem docente são alguns dos conceitos que embasaram essa construção, como já mencionado, junto à designação de objeto propositor poético, que está estreitamente ligada à de objeto de aprendizagem poético, com aporte em Tatiana Fernández (Fernández; Dias, 2015).

A Pedagogia do evento ou do acontecimento, a partir das ideias de Dennis Atkinson, (2008, 2009) nos desafia a pensar o ato docente como a criação de proposições que gerem acontecimentos singulares, envolvendo situações não completamente programadas, com aberturas para o impensado e para o imprevisível. Pressupõe pensar a educação como produtora de brechas por onde algo ainda não pensado e previsto possa irromper. Não pretende o controle restritivo das ações e relações dos participantes aprendizes. Permite o surgimento de encontros e de insubmissões ao que está determinado, sendo, portanto, afirmação crítica e política. Propõe construir formas anti-hegemônicas de conduzir processos educacionais, transformando sistemas excludentes em inclusivos. Envolve o desconhecido, o que significa correr riscos (Atkinson, 2008).

A ideia de alunos serem encorajados a correr riscos em seu contexto específico de aprendizagem sugere uma pedagogia que não é totalmente controlada por resultados de aprendizagem específicos. Sugere um espaço de ensino-aprendizagem flexível que busca



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

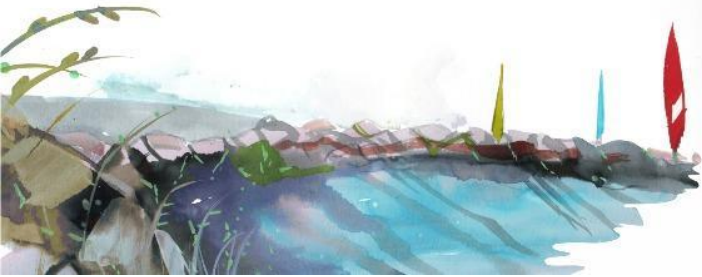
acomodar direções imprevisíveis ou inesperadas na aprendizagem. Incentivar os alunos a correr riscos em sua prática, por implicação, sugere que os próprios professores também estão assumindo riscos, pois precisam ser capazes de "deixar as coisas acontecerem"; eles precisam ser capazes de facilitar esses caminhos de aprendizagem sem uma noção clara de resultado. (Atkinson, 2009, p.3)

Para Atkinson, nesse caminho é preciso que a pedagogia realize um movimento contra si mesma, no sentido de rever-se criticamente e abrir-se a novos modos de ser. Isso implica numa ética do devir, preocupando-se em potencializar o poder da aprendizagem, desvinculando-se de prescrições hegemônicas e preocupando-se em compreender o Outro da relação pedagógica. "Se o encontro pedagógico começa com a pergunta "quem é você?", então uma relação diferente parece emergir e é possível transformar essa pergunta em "Como o outro aprende?" "(Atkinson, 2009, p.3).

A aprendizagem pode, portanto, ser concebida como um problema de existência, pois envolve essa evolução ontológica. Se a verdadeira aprendizagem, como a chamo, envolve uma ruptura de estados estabelecidos de conhecimento e prática pedagógica, por meio dos quais os aprendizes são reconhecidos, mas por meio dos quais tal reconhecimento também pode ser restritivo, então uma pedagogia compatível com essa ruptura é necessária, uma pedagogia que chamo de pedagogia contra o Estado, ou talvez, uma pedagogia do evento, a fim de expandir nossa compreensão do que é aprender e levar à possibilidade de formar novas e mais eficazes comunidades de aprendizagem. (Atkinson, 2009, p.3)

O interesse de uma pedagogia do acontecimento ou do evento, é criar espaços e tempos que possibilitem um escape às imposições normativas que estancam a criação e fazem somente repetir padrões. O ato educativo torna-se ato político, na medida em que pode fazer mover o pensamento a partir daquilo que é desejado por um grupo social, das relações que se constroem em um espaço vivido, e na construção de algo que interesse e envolva a todos que participam.

Os conceitos de objeto propositor poético, de obra-aula e de artistagem docente são formulações que colaboram nesse sentido, abarcando intenções de aproximação entre aquilo que se produz na esfera da educação e na esfera da criação artística,



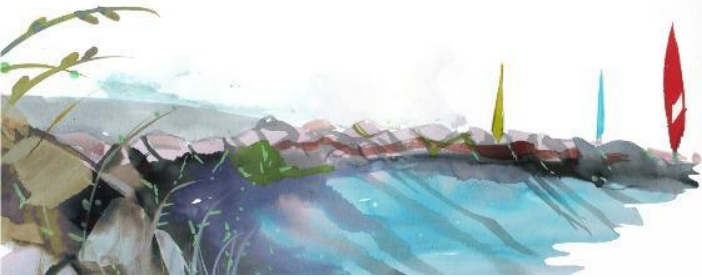
propondo conceber aula como criação artística e tomar experiências no encontro com a arte não somente como objeto de estudo, mas como metodologia de trabalho.

A pesquisa de Thiago Heinemann Rodeghiero, intitulada *Obra-aula: processos, procedimentos e criação de uma docência passarinho* (2019), faz uma operação de ligadura entre o campo da docência, em geral, e o da produção artística contemporânea. Diz o autor, na apresentação de sua investigação:

Esta pesquisa trata da contribuição que a arte contemporânea vem a oferecer à prática docente e é justificada pela relevância de pensar a criação de uma aula que não dependa de modelos. Objetiva evidenciar uma Obra-Aula através da produção artística do pesquisador e sua relação com a artistagem de Sandra Corazza. Ao perceber os vazamentos que a arte contemporânea ocasiona à educação, mostra os encontros e experimentações com essas áreas. (Rodeghiero, 2019, p.20)

Referenciado no conceito de artistagem docente, de Sandra Corazza, concebe obra-aula, como “um modo de se fazer educação como se faz arte, dispensando os modelos saturados de bom professorado (Corazza, 2013), contribuindo ao pensamento acerca da prática docente na contemporaneidade” (Rodeghiero, 2019, p.23). O ato criativo engendra seus próprios modos de operar, dispensando modelos pré-programados. Assim também a obra-aula decorre de um processo de artistagem, sempre refazendo-se durante os próprios atos (Rodeghiero, 2019, p.107). “Uma Obra-aula é criada pela sua própria prática” (2019, p.109). Neste processo nos é requerido suportar a falta de sentidos únicos, abandonando modelos prescritos para entrar em territórios desconhecidos e descobrir, junto com os alunos-autores, aquilo que se pode produzir no campo de conteúdos e expressão do próprio território.

Ao criar, tanto o artista quanto o docente utilizam-se de um agregado sensível (o próprio cotidiano), colocando-o em situações ainda impensadas: o que é passível de se inventar. [...] Ao perseguir os processos, procedimentos e criação do referencial artístico e da poética do pesquisador, uma pergunta surge: O que a arte contemporânea tem a ensinar à educação? Os processos, procedimentos e criação colocam a variar o que é dado como



modelo. Ao estabelecer um recorte do que o rodeia, um docente põe a funcionar novos modos educacionais. (Rodeghiero, 2019, p.105)

De acordo com Corazza (2013), a professora fará sua aula como uma artista faz a sua obra, dispensando os modelos estabelecidos de boa professoralidade. Criará percursos por um território habitado, junto com quem caminha, em busca do que há para ser descoberto. Os procedimentos são as formas inventadas de cercar os objetos de estudo, com o olhar atento ao que ainda não se viu.

A ideia de aula-móvel conflui com essas referências no interesse de abrir-se àquilo que for desejado pelos sujeitos que se encontrarem uns com os outros a partir do que for sugerido nesse encontro e a partir da manipulação de alguns objetos e elementos referentes a produções artísticas diversas, o que poderá gerar invenções e descobertas para além do que já é conhecido e já foi experimentado. O dispositivo Aula-móvel para derivas lúdico-poéticas pretende-se proposta artística, além de objeto educativo, concorrendo para a instauração de obras-aula e acontecimentos singulares, com aberturas àquilo que ainda não é, como referido por Alain Badiou, de acordo com Atkinson. Dizendo de outra forma, abre-se às perspectivas da diversidade, da multiplicidade e da inclusão.

O conceito de "aquilo-que-ainda-não-é" tem relevância para a teorização do espaço pedagógico em dois níveis: primeiro, em relação ao potencial múltiplo e, segundo, à ideia de invisibilidade. Podemos pensar em "aquilo-que-ainda-não-é" como se referindo a formas de ser que não têm existência, ou seja, ser aquilo que não conta ou ainda não é valorizado. Isso pode se referir a estados emergentes de devir, mas também àquelas formas de ser que estão frequentemente presentes, mas ausentes, ou seja, onde não têm existência no sentido de que estão fora ou são marginalizadas pelos modos dominantes de compreensão e valor. (Atkinson, 2009, p.6)

Testartes e outras aventuras

Um dos materiais propositivos que fazem parte dessa proposta foi concebido a partir da obra Testartes, de Vera Chaves Barcellos (1938), artista nascida e residente em



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Porto Alegre/RS/Brasil. A artista manifesta grande interesse por comunicar-se com o público e em convidá-lo a participar ativamente em alguns de seus trabalhos. É o caso dessa obra, que lida com a questão do olhar, estabelecendo jogos de interpretação, projeções imagéticas, ativação da memória e do pensamento poético.

Junto a imagens de duas séries da obra Testartes, estão presentes nesse objeto trabalhos fotográficos de outras seis artistas, que ativam discussões e dinâmicas de interação e de envolvimento com o campo de percepções visuais, sensações, ligadas a memórias corporais e desencadeadoras de pensamento. Vários elementos poderão ser objeto de aprendizagem nessa experiência, tais como: ideias de representação e apresentação pela imagem, o ato fotográfico, as múltiplas formas de interpretação do visual, as relações entre palavra e imagem, as funções da imagem fotográfica, relações da fotografia com a memória, entre outras.

A obra Testartes é um tipo de proposta artística que interessa a esta investigação, pois ela mesma se constitui como um conjunto de objetos propositores poéticos. Relacionam-se, aqui, as funções educativas e o ato artístico, na medida em que ao entrar em contato e participar das proposições, o público estará exercitando suas capacidades de formulação poética e de interpretação visual.

Testartes foi desenvolvida a partir de 1974, contendo, ao todo, oito conjuntos de imagens fotográficas de pessoas, lugares e objetos do cotidiano, numerados cronologicamente de I a VIII e acompanhados de indagações verbais, individualmente ou para cada conjunto. Essas indagações desencadeiam processos de interpretação por parte dos espectadores, que passam a participar da construção de sentido das imagens. Dois trabalhos desta série são os disparadores para a concepção do material Testartes e outras aventuras: Testarte I (1974) e Testarte VII (1976).

Testarte I é um conjunto de 7 lâminas monocromáticas impressas em off-set, em um envelope que contém o título do trabalho e em tamanho A4. Apresenta fotografias de



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

portas, janelas, escadas e muros antigos, cada uma com um texto curto que interroga e induz o espectador a formular hipóteses de ação e seus resultados. Como exemplo de formulação textual, a primeira imagem, que contém duas portas, é acompanhada da seguinte indagação: Você está defronte à porta. Ela tem uma das folhas aberta. Você vai passar por ela e vai encontrar a outra porta que está fechada. Você vai conseguir passar e atingir o outro quarto?

Testarte VII é uma imagem fotográfica pouco nítida, medindo 30 cm x 35 cm, em preto-e-branco, com retícula, e que apresenta um adolescente correndo sozinho por uma calçada estreita, com uma cerca ou muro alto à sua esquerda, vindo em direção ao espectador, trazendo algo na mão direita. O texto que acompanha a imagem sugere ao leitor que componha uma estória partindo das perguntas: quem é?, onde está?, de onde vem?, para onde vai?. Esse Testarte foi utilizado com adolescentes de escolas de diferentes contextos sócio-econômicos, com a distribuição de formulários impressos, pela própria artista, gerando resultados muito distintos entre si, reflexo de diferentes experiências e contextos de vida.

De acordo com Rahde e Cauduro (2003), as séries Testartes marcam a transição dos trabalhos da artista para o que se chamou de pós-modernidade, abrindo-se à multiplicidade de sentidos, e inauguram uma nova fase em sua produção. Nos primeiros quatro conjuntos é colocada na parte inferior da imagem, abaixo da fotografia, uma indagação textual que possibilita duas alternativas de sentido. Nos quatro seguintes é possível fazer interpretações mais abertas, não direcionadas a sentidos previamente imaginados pela artista. Produzem uma espécie de jogo de produção de significados, cambiante e aberto.

Os Testartes de Vera [...] estabelecem este vínculo com o espectador participante, que se une à obra, aceitando o desafio que a artista propõe, opinando, respondendo, integrando-se ao processo de comunicação participativa. A obra deixa de ser uma representação, apenas visual, para se tornar um elemento de ligação, mistura, jogos de interpretação. (Rahde; Cauduro, 2003, p.142, 143)



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A palavra Testartes que identifica essa coleção torna evidentes as idéias de participação e de jogo propostas, pois conotam as idéias de teste e de arte, como que convidando o sujeito a encontrar, por esforço próprio, as características visuais e táteis que fazem desses conjuntos obras de arte. (Rahde; Cauduro, 2003, p.138). A artista declara estar interessada em provocar esses processos mentais, de deslocamentos de significados a partir da leitura das imagens e daquilo que representam/apresentam (Rahde; Cauduro, 2003).

As 'outras aventuras' que compõem este material propositivo são oriundas do trabalho artístico de Romy Pocztaruk (Porto Alegre, 1983) e de outras cinco artistas brasileiras que trabalham com fotografia: Elaine Tedesco, Flavya Mutran, Gisele Verardi Joaquim, Patricia Gouveia e Ruth Sousa.

Romy Pocztaruk elabora suas proposições poéticas no cruzamento entre diferentes áreas de conhecimento, como ciências e história, artes visuais e cinema. Em suas investigações e produções poéticas toca em questões que fazem parte de contextos políticos e históricos de diferentes lugares e tempos, movendo-se entre passado, presente e futuro (Romy Pocztaruk, s/d). Seus trabalhos nos levam a refletir sobre os espaços em que vivemos, construímos, que abandonamos e sobre o fracasso das utopias urbanas. Toca também em questões da memória e de apagamentos (Editora Cobogó, s/d). As fotografias da artista presentes neste material são de diferentes séries de trabalhos, intituladas: A última aventura, Bombrasil, Feira de ciências, Trailer, Tropical, Olympia, Red Sand e Crossing islands.

O material criado consiste em um conjunto de cartões impressos com imagens de obras das artistas, associadas ou não a elementos verbais, cartões com dados dos trabalhos artísticos, cartão com alternativas de ações possíveis para este recurso lúdico-educativo e cartões em branco para atividades (Imagem 2). Além dos materiais impressos, há álbuns de fotografias e de imagens, máquinas fotográficas digitais, pranchetas, canetas, uma toalha de piquenique e sacolas para os objetos.

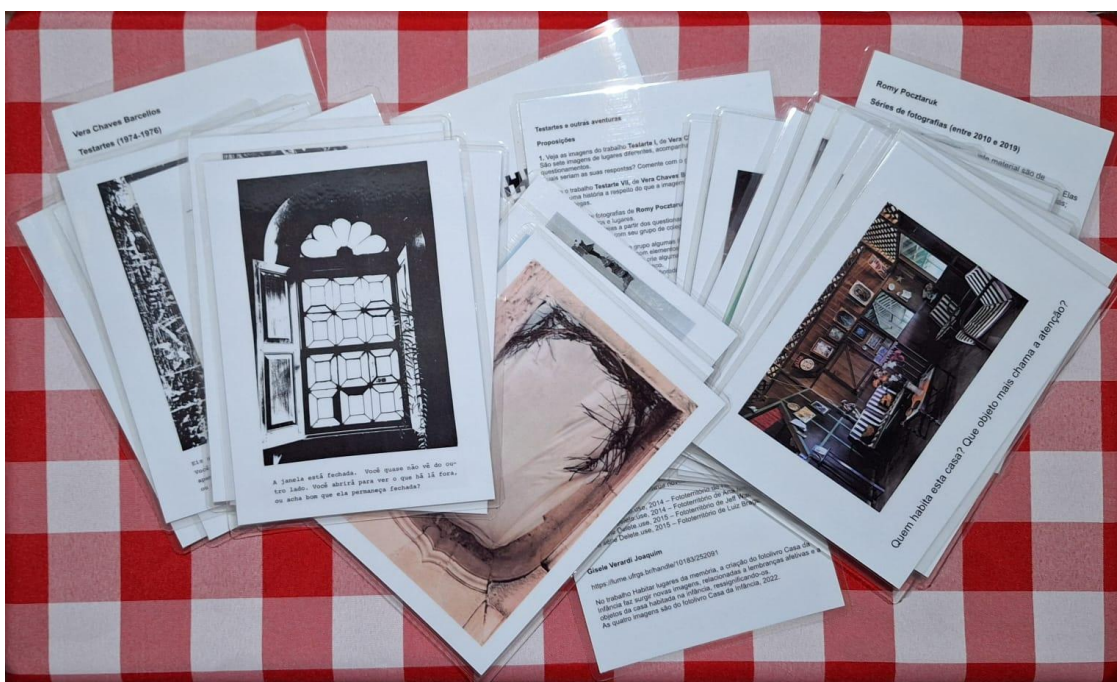
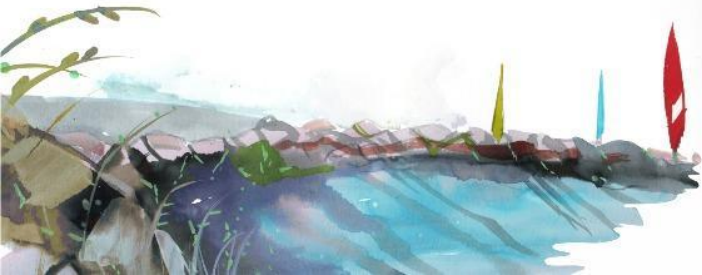


Imagem 2. Testartes e outras aventuras. 2024. Elementos do conjunto de objetos.
Fonte: arquivo pessoal.

Dieta cromática

O outro conjunto apresentado aqui é Dieta cromática, concebido a partir do trabalho artístico de mesmo título, de Sophie Calle (Paris, 1953), realizado em 1997. Esse trabalho iniciou com uma sugestão que a artista fez ao escritor Paul Auster (Nova Jersey, EUA, 1947 - Nova York, EUA, 2024), de criar uma personagem inspirada em si mesma. O autor criou Maria Turner, em seu romance *Leviatã* (1992). Entre alguns estranhos costumes, Maria Turner fazia uma dieta cromática durante algumas semanas do ano – a cada dia comia alimentos de uma única cor. E no livro estão descritos alguns dos cardápios de cada dia, como por exemplo: quarta-feira, branco – linguado, batatas, requeijão (Bravo, 2017).



extremos

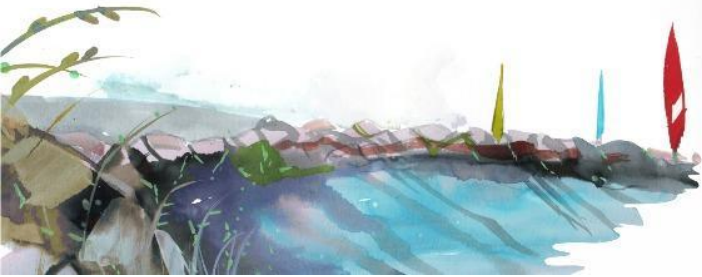
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Sophie Calle utilizou essa característica de Maria Turner no projeto artístico. Durante a semana de 8 a 14 de dezembro de 1997 preparou e comeu refeições cromáticas (ou monocromáticas), sendo que a cada dia utilizava uma cor diferente, completando os cardápios com bebida e acrescentando itens que não tinham sido incluídos no romance. Ela fotografou cada prato como se fosse uma natureza-morta, sempre do mesmo ângulo, e apresentou as fotografias acompanhadas do cardápio escrito.

No material da aula-móvel relacionado a essa obra, há peças gráficas e objetos coloridos diversos para montagem de cardápios, a serem registrados com fotografia e escrita, ambos a serem inseridos em uma pasta de cardápios. As peças gráficas incluem imagens do trabalho de Calle, os cardápios escritos por ela, imagens de pratos e copos, e cartões com informações sobre a proposta e sobre a artista. Há também as fichas para que os participantes registrem os cardápios criados por eles, com os elementos disponíveis em sacolas e no próprio ambiente, se assim o desejarem (Imagem 3).



Imagem 3. Dieta cromática. 2023. Elementos do conjunto de objetos.
Fonte: arquivo pessoal.



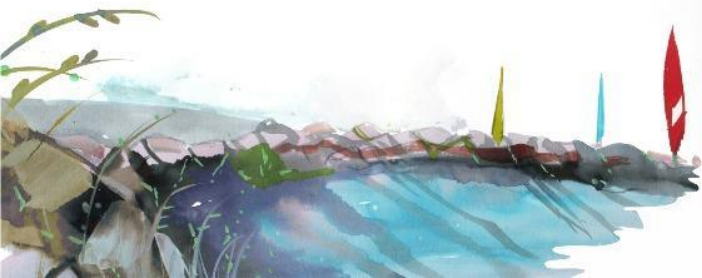
Além da exploração material e visual dos elementos, é possível relacionar essa produção a discussões que tocam em questões afetivas a partir de memórias pessoais, em costumes culturais, em aspectos sócio-econômicos relacionados a como diferentes grupos sociais se alimentam, em questões de sustentabilidade, na importância de pensar sobre alimentação, entre outras. Tomando novamente o pressuposto de que é importante compreender o Outro da relação pedagógica e perguntar-se não somente Quem é?, mas Como aprende? (Atkinson, 2009, p.3), cada momento de brincar com esses objetos será uma oportunidade de deixar fluir a discussão e o pensamento a partir daquilo que emergir no acontecimento pedagógico-artístico.

Além dos materiais físicos, junto a ambos os conjuntos de elementos apresentados é disponibilizado um ambiente digital, como repositório de imagens produzidas pelos participantes, através do recurso Mural da plataforma Padlet. Esse espaço permite a continuidade das interações e possibilita a criação de novas propostas, construídas coletivamente.

Conclusão

Objeto propositivo poético, pedagogia do acontecimento, artistagem docente e obra-aula são conceitos interrelacionados, nesta proposta, e confluem para a ideia de transformação de práticas e concepções de educação cristalizadas. Além de visar o campo das artes visuais, poderão contribuir com outros componentes curriculares, no interesse de produzir alternativas para a abordagem de diferentes temáticas e experimentação de práticas educativas mais participativas e lúdicas.

A intenção de compartilhar essas produções e reflexões é fomentar outras criações e proposições artístico-pedagógicas, desafiando-nos a buscar proximidades entre ato poético e ação pedagógica. De acordo com Tatiana Fernández, que defende a ideia de que nas últimas décadas vem ocorrendo uma virada pedagógica na arte e



uma virada da visualidade na educação, que amplia a compreensão da arte como uma forma de pedagogia e da pedagogia como uma forma de arte (2015, p.20),

A matéria sobre a qual o evento artístico e o evento pedagógico se encontram podem ser em um dado momento o artefato do evento artístico e em outro a aula do evento pedagógico. [...] Nesse encontro de eventos a identidade de artista/investigador/professor e de estudante/participante se fundem também no sentido da autopoiese porque todos mudam quando participam na construção simbólica do evento artístico/pedagógico. Esta é, portanto, uma metodologia do fluxo entre identidades e ademais entre textualidade e visualidade, artefato e aula, educação e arte. (Fernández, 2015, p.175)

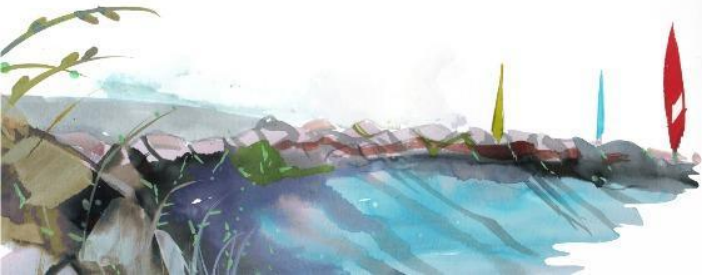
Em relação ao conceito de objeto de aprendizagem poético, a autora propõem que seja “uma ideia para cruzar as fronteiras entre a arte e a educação, uma forma que produz outras formas e cria situações em que se produzem eventos artísticos como pedagogia” (Fernández, 2015, p. 178).

As proposições de artistas como a série Testartes, de Vera Chaves Barcellos, e a Dieta cromática, de Sophie Calle, poderão impulsionar a produção de obras-aula, em que os participantes são convidados a entrar em contato não somente com as obras, mas também com materiais especialmente concebidos para participar desses encontros. O campo da produção de materiais educativos é um campo aberto, desafiador e fértil. Há muito a ser feito e muitas movimentações conceituais podem ser desencadeadas a partir das contribuições que já estão postas.

Referências

ATKINSON, Dennis. *Pedagogy against the State*. 2008. Disponível em: <https://pesaagora.com/access-archive-files/ACCESSAV26N2_047.pdf>. Acesso em 10 mai. 2022.

ATKINSON, Dennis. *Pedagogy of the Event*. 2009. Disponível em: <https://www.kettlesyard.co.uk/wp-content/uploads/2014/12/onu_atkinson.pdf>. Acesso em 10 mai. 2022.



BRAVO, Eduardo. *La dieta cromática creada por Paul Auster*. 2017. Disponível em: <<https://yorokobu.es/dieta-paul-auster/>>. Acesso em 02 jun 2025.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcreta em educação?* Porto Alegre: Doisa, 2013. Editora Cobogó. Texto de apresentação de Romy Pocztaruk. S/d. Disponível em: <https://www.cobogo.com.br/romy-pocztaruk>. Acesso em 20 ago, 2024.

FERNÁNDEZ MÉNDEZ, Maria del Rosario Tatiana. *O evento artístico como pedagogia*. Tese de Doutorado. Brasília: PPGArte, Instituto de Artes, Universidade de Brasília. 2015.

FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. *Objetos de aprendizagem poéticos: máquinas para construir territórios de subjetivação*. Santa Maria/RS: Anais do 24º Encontro Nacional da ANPAP, 2015, p.3481-3495.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado; CAUDURO, Flávio Vinicius (2003). Testartes: imagens de pós-modernidade. *Revista FAMECOS*, nº 21, agosto 2003, 135-143. Porto Alegre: PPG Comunicação Social, PUC/RS.

RODEGHIERO, Thiago Heinemann. *Obra-aula: processos, procedimentos e criação de uma docência passarinhar*. Dissertação de Mestrado. Pelotas: PPG em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

Romy Pocztaruk. Site da artista. Texto de apresentação. S/d. Disponível em: <https://www.romypocz.com/about>. Acesso em 20 ago, 2024.

¹ Doutora (2009) e Mestre (2000) em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica pelo PPGAV/IA/UFRGS; Licenciada em Educação Artística: Habilitação em Artes Plásticas (1994) pela FEEVALE. Professora Associada do Departamento de Artes Visuais, IA, UFRGS. Integrante do GEARTE - FACED/UFRGS. E-mail: andrea.hofstaetter@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6079-2551>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1668397570218948>.